

DANIEL NOVERSA

daniel.noversa@gmail.com

UNIVERSIDADE DO MINHO

PORTUGAL EUROPEU: A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES DE ERASMUS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a relação de Portugal com a Europa, bem como compreender, através dos estudantes portugueses que participaram no programa de intercâmbio académico Erasmus, quais os traços/características que definem Portugal como um país europeu. Pretende-se, sobretudo, compreender como os estudantes de Erasmus portugueses percecionam a questão europeia em Portugal.

A metodologia adotada incidiu essencialmente numa abordagem qualitativa, pela razão de que tanto a dimensão europeia, quanto o programa Erasmus são temáticas muito desenvolvidas em estudos de cariz quantitativo e porque o objetivo principal era a compreensão do objeto de estudo. A principal técnica de recolha de informação escolhida foi a entrevista semidirectiva por permitir conhecer de modo aprofundado as opiniões, as representações e os sentidos dados por estes estudantes relativamente ao objeto de estudo, assim como a avaliação que fazem das suas experiências.

As entrevistas realizadas trouxeram diversos pontos de vista sobre as dimensões em análise, devendo-se, em grande parte, às diversas áreas científicas em que estes estudantes estudam e devido ainda às diferenças culturais e económicas dos países em que se instalaram no decurso do programa de intercâmbio. É, assim, possível perceber como os estudantes percecionam as diferenças e semelhanças do seu país face aos países onde tiveram oportunidade de estudar.

A partir da investigação exploratória conduzida junto dos estudantes Erasmus, com o objetivo de estudar a relação dos portugueses com a Europa, foi possível concluir que a Europa é percecionada como um espaço de modernidade e como uma espécie de “melhor amiga” do país, sobretudo, pelas vantagens que trouxe e que continua a trazer para o desenvolvimento do país e pela visibilidade que nos oferece ao encontrarmos-nos inseridos num quadro de maior amplitude como é o da União Europeia.

PALAVRAS-CHAVE

Identidade europeia; Portugal; estudantes de Erasmus

INTRODUÇÃO

Em meados do século XX, a Europa assumiu para si um projeto de união, tendo por base os seus valores e herança histórica comum, de forma a garantir a paz e a prosperidade do continente que tinha como tradição a guerra. Depois do sucesso da unificação económica e política, a Europa alcançou a pacificação que tanto almejou: definiu uma dimensão simbólica (uma bandeira, uma moeda...), elaborou uma ordem normativa condensada na cidadania europeia e ao abrir as suas fronteiras internas estimulou as mobilidades intra-europeias, criando, neste âmbito, um novo modelo social europeu que penetra na vida de milhões de pessoas que vivem na Europa. Neste momento, o processo de europeização tem merecido a atenção da comunidade académica, como historiadores, antropólogos, sociólogos, etc., que têm procurado construir uma narrativa de uma Europa como entidade de significado social e cultural, utilizando instrumentos teóricos, metodológicos e interpretativos para explorar os sentidos e saber o quão os europeus se identificam com a Europa.

Este artigo tem como intuito compreender como os estudantes de Erasmus percecionam a questão europeia em Portugal, apresentando alguns resultados empíricos obtidos numa investigação já concluída (Novera, 2014), que tomou por objeto teórico a Europa e tinha como objetivo central compreender como a identidade europeia é percecionada em Portugal pelos estudantes de Erasmus.

A partir da investigação exploratória conduzida junto dos estudantes Erasmus, com o objetivo de estudar a relação dos portugueses com a Europa, foi possível concluir que a Europa é percecionada como um espaço de modernidade e como uma espécie de “melhor amiga” do país, sobretudo, pelas vantagens que trouxe e que continua a trazer para o desenvolvimento do país e pela visibilidade que nos oferece ao encontrarmo-nos inseridos num quadro de maior amplitude como é o da União Europeia.

A MOBILIDADE ERASMUS E A IDENTIDADE EUROPEIA

Nestes últimos anos, temos vindo a deparar-nos com uma acentuada livre circulação de pessoas e modos de vida. Muitos estudiosos desta área aperceberam-se de que se introduziram novas categorias sociais, estruturaram-se novas formas de mobilidade e novos critérios na análise das fronteiras, cada vez mais maleáveis e em sobressalto constante devido à instabilidade das estruturas sociais e da agência humana (Urry, 2010; Rumford, 2006). Na senda das mobilidades, desenham-se novos espaços

de experiência e novos padrões espaço-temporais à escala transnacional, onde se movem mensagens, informações, bens simbólicos e pessoas. A Europa é um bom exemplo do que acaba de ser dito, quando durante o seu processo de integração a Europa dirimiu as suas fronteiras internas e garantiu aos seus cidadãos direitos como a livre circulação dentro do espaço europeu. Neste sentido, os programas de intercâmbio apoiados pela UE, nomeadamente o programa Erasmus, são instrumentos preciosos para encorajar a integração entre os jovens europeus e para “forjar uma consciência europeia” (Papatsiba, 2006, p. 99; Ieracitano, 2014, p. 16).

A mobilidade Erasmus pode ajudar a promover a reflexividade sobre uma identidade cultural europeia, no sentido em que os estudantes que beneficiam deste tipo de mobilidade se podem assumir como portadores de cultura no processo de europeização (Papatsiba, 2005), assim como a desenvolver “uma autoconsciência pro-social num duplo movimento entre a autoafirmação e abertura aos outros” (Papatsiba, 2005, p. 55). Assim, a experiência Erasmus augura-se como fatora de uma consciência mais sólida pela diversidade.

A mobilidade Erasmus torna-se por isso um instrumento assaz relevante e promissor no que respeita à comunicação intercultural (Williams, 2005) e a coligar capitais interculturais (Pollmann, 2009). Dito de outro modo, potencia o desenvolvimento de novas competências para a comunicação e para a aprendizagem cultural. A experiência de intercâmbio Erasmus pode representar, também, uma nova forma de socialização para os jovens, ou seja, uma nova forma de aprendizagem institucional (Murphy-Lejeune, 2002) e cívica (Mitchell, 2012; Papatsiba, 2006), para além da cultural.

Segundo Mitchell (2012, 2014), a experiência de mobilidade Erasmus contribui positivamente para mudanças de atitudes no que à Europa diz respeito, uma vez que os participantes sentem-se mais “europeus” do que aqueles que não participam e identificam-se mais com a Europa. Por seu turno, outros estudos empíricos que tentam demonstrar o impacto da mobilidade Erasmus no processo de integração europeia, como os estudos de Sigalas (2010) e Wilson (2011), concluem que, com base em dados predominantemente de estudantes britânicos ou estudantes a estudar no Reino Unido, a mobilidade Erasmus não leva à formação de uma consciência cívica que defina o “nós sentimos” de ser cidadãos da Europa. No entanto, apesar de ainda não haver um consenso no debate sobre a relação entre a mobilidade Erasmus e a identidade europeia, a mobilidade continua a ser um importante utensílio conceptual e heurístico na análise que fazemos do processo de unificação europeia.

METODOLOGIA

A metodologia adotada incidu essencialmente numa abordagem qualitativa, pela razão de que tanto a dimensão europeia quanto o programa Erasmus são temáticas muito desenvolvidas em estudos de cariz quantitativo e porque o meu objetivo principal era sobretudo a compreensão do objeto de estudo.

A principal técnica de recolha de informação escolhida foi a entrevista semidiretiva por permitir conhecer de modo aprofundado as opiniões, as representações e os sentidos dados por estes estudantes relativamente ao processo de integração europeia, assim como a avaliação que fazem da sua experiência. Além disso, a adoção da entrevista como principal técnica pareceu ser adequada, tendo em consideração o tempo que tinha disponível para a realização da investigação, bem como para abarcar dados mais intensivos para as questões que norteavam a pesquisa exploratória junto dos estudantes Erasmus: 1. como os estudantes de Erasmus portugueses percebem a questão europeia em Portugal? 2. que significado tem Portugal ser membro da União Europeia? 3. quais as expectativas destes estudantes quanto à relação que Portugal mantém com a União Europeia?; por fim, 4. saber se a experiência Erasmus os fez sentir-se mais europeus e porquê.

No total foram entrevistados oito estudantes. Destas oito, três das entrevistas foram realizadas por escrito, através do *e-mail*, a pedido dos entrevistados; as restantes foram feitas presencialmente, gravadas e mais tarde transcritas na íntegra (com hesitações, frases incompletas...). As entrevistas foram conduzidas entre 25 de maio e 16 de junho de 2014, sendo uma realizada na Vila das Taipas, Guimarães; duas na Universidade do Minho; duas realizaram-se em Braga na casa de cada entrevistada.

O material empírico recolhido nas entrevistas foi tratado segundo a análise de conteúdo; optou-se por fazer uma análise categorial aliada a uma análise avaliativa, ou seja, a partir das categorias e das subcategorias trazidas pelas entrevistas pretendia-se, ao mesmo tempo, avaliar a intensidade das opiniões e a significação que os entrevistados constroem sobre o objeto de estudo (Bardin, citado em Guerra, 2006, p. 63).

As entrevistas realizadas trouxeram diversos pontos de vista sobre as dimensões em análise, devendo-se, em grande parte, às diversas áreas científicas em que estes estudantes estudam e devido ainda às diferenças culturais e económicas dos países em que se instalaram no decurso do programa de intercâmbio. É, assim, possível perceber como os estudantes percebem as diferenças e semelhanças do seu país face aos países onde tiveram oportunidade de estudar.

INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NA UNIÃO EUROPEIA: UMA MAIS-VALIA

Nos discursos analisados acerca da europeização de Portugal, é consensual entre os estudantes de Erasmus que Portugal esteja integrado na União Europeia pela projeção e oportunidades que traz para o país. Para a totalidade dos entrevistados a nossa pertença à UE é percecionada como uma mais-valia pelas vantagens que traz a nível económico e cultural, bem como pela visibilidade e facilidade de mobilidade que nos trouxe: “claro ao estarmos na União Europeia dá-nos uma maior visibilidade que não teríamos se a ela não pertencêssemos, não só a nível cultural mas também a nível turístico, por exemplo, e económico” (Anabela, Irlanda). “Porque tanto a nível cultural e a nível económico pode trazer bastantes vantagens” (Adriana, Itália).

Pode-se, portanto, avançar com a ideia de que esta relação significa para estes estudantes, sobretudo, desenvolvimento e reconhecimento do país. A europeização de Portugal é para a maioria sinónimo de modernização, prosperidade económica e mais oportunidades. Assim, parece adequado dizer-se que a Europa, na perspetiva dos estudantes de Erasmus entrevistados, surge como uma espécie de vitamina que trouxe consigo os nutrientes essenciais para que um país atrasado como o nosso ganhasse uma nova vitalidade, permitindo-nos aspirar ao nível dos restantes países desenvolvidos da Europa. Tal relação é ainda observada por estes estudantes como uma via única, inevitável e desejável num momento em que o país clamava por estabilidade económica e política. Podemos ver isso na opinião expressa, por exemplo, de um dos entrevistados: “também somos um país europeu e temos muito a ganhar com isso (...) se não estivéssemos nesta comunidade europeia onde nós estaríamos!?” (Marco, República Checa). Diríamos, sem risco de polémica, que esta opinião serve como epítome do significado que é dado ao processo de integração europeia em Portugal por parte dos estudantes de Erasmus portugueses entrevistados. Ou seja, os estudantes de Erasmus portugueses aceitam a Europa porque partilhamos território com os restantes países europeus e porque ao pertencermos ao concerto das nações desenvolvidas europeias ganhamos desenvolvimento e reconhecimento que antes não tínhamos.

Segundo algumas perspetivas (Smith, 1999) a Europa não representa para os cidadãos uma referência a nível cultural ou de unificação política e é mais vista no discurso quotidiano como cumprimento de uma unificação económica. Todavia, os estudantes entrevistados identificaram-se mais com a Europa cultural porque consideram que as políticas da União se têm aproximado mais nesse sentido e por a mobilidade Erasmus lhes ter dado a

oportunidade de contactar com uma realidade cultural europeia que antes lhes era alheia:

ainda que considere fulcral a Europa económica acho que me identifico mais com a Europa cultural, no sentido em que cada vez mais tende a haver uma aproximação cultural entre os países europeus e nós, apesar de ainda não termos o mesmo ritmo estamos a chegar lá. Acho que há uma maior uniformidade ao nível cultural do que propriamente ao nível político ou económico dentro da Europa. (Anabela, Irlanda)

É assim, obrigatoriamente, temos que nos identificar com uma Europa económica (...) mas culturalmente identifico-me, como eu já estive fora, sem dúvida, que me identifico culturalmente. (Marco, República Checa)

Contudo, apesar de a maioria se identificar com uma Europa cultural, encontrou-se, mesmo assim, nos discursos dos estudantes uma tendência para caracterizar a Europa como um espaço de vantagens económicas. Isto é, a relação que Portugal mantém com a Europa, segundo os estudantes entrevistados, está associada principalmente a uma dimensão material e prática: “a nível profissional acaba por ser mais fácil para quem quiser trabalhar lá fora” (Adriana, Itália). Encontrou-se também, a par disto, algumas opiniões mais extremadas: “nesta Europa, não me revejo” (Bruno, Espanha); “penso que me identifico com todas [a cultural, a económica e a política] por causa da minha área de estudo [Direito]” (Rodrigo, Espanha).

Assim, a conclusão que é possível reter é de que a perceção que os estudantes portugueses de Erasmus têm da Europa não passa apenas pela ideia de um projeto que visa almejar a paz e a prosperidade, através de uma cooperação política ou a partilha de uma cultura. O que ressalta nos dados empíricos recolhidos é, pois, o facto de os estudantes de Erasmus se identificarem com uma Europa de dimensão económica de onde jorram benefícios e vantagens para o país. A verdade é que se observam nos seus discursos acerca da questão europeia raciocínios pragmáticos, utilitários e superficiais. Dito de outra forma, “queremos a Europa, mas só a Europa que queremos, a Europa que, por nos *europeizar*, nos devolve a posição paritária a que aspiramos, que achamos nos é devida” (Ribeiro, 2011, p. 245). Deste modo, atrever-me-ei a dizer que isso se relaciona com o período recente da história nacional que se fez numa estratégia de *estar e não estar com a Europa*, e que teve e tem, invariavelmente, uma forte influência

na forma como Portugal se posiciona no continente europeu. Recordemos que a política externa de Salazar mostrou-se, por um lado, muito conservadora no que diz respeito ao projeto europeu, mas, por outro lado, manifestou algum envolvimento nas novas organizações internacionais de onde pudesse tirar benefícios para a economia portuguesa (Silva, 2000; 2005). Portanto, podemos concluir que a ideia da Europa unida não está presente nas representações que estes estudantes têm da Europa, nem tão pouco para os portugueses em geral (Ribeiro, 2011).

No final, tudo parece resumir-se na avaliação de Alain Dieckhoff (2001, p. 271) quando afirma que “o apoio maioritário de que a unificação europeia beneficia (...) não provém nem de uma consciência europeia, nem de uma identificação pós-nacional, antes explica-se por um conjunto de interesses estritamente nacionais”.

A DIMENSÃO EUROPEIA EM PORTUGAL

Quando questionados sobre a dimensão europeia em Portugal, constataram-se respostas breves, superficiais, tautológicas e carregadas de longas pausas. Ao longo das entrevistas, pôde-se perceber que os estudantes entrevistados não têm a percepção do que o país tem de europeu. Não só por ser um tema pouco refletido no nosso quotidiano, mas também por ser uma temática quase nada debatida em Portugal. E nota-se, em geral, desinteresse, indiferença e distância em tentar compreender estes assuntos.

O que se observa, efetivamente, é uma falta de consciência crítica e reflexiva sobre assuntos intrinsecamente ligados à Europa. É neste sentido que é possível dizer-se que os estudantes portugueses que estiveram em intercâmbio em universidades europeias não são capazes de nos apresentar traços coerentes e concretos do que liga hoje Portugal à Europa. A grande maioria não conseguiu expressar elementos diretamente relacionados com a participação de Portugal na UE: moeda única, cooperação política, cidadania europeia, abolição de fronteiras, etc¹. O que pairou nos discursos dos estudantes que estiveram ao abrigo do programa Erasmus foi que Portugal

¹ Quanto a esta questão só se encontrou dois estudantes, dos oito entrevistados, que conseguiram expressar elementos relacionados com a integração de Portugal na EU: “abertura ao intercâmbio é, a meu ver, um traço europeu importante em Portugal. Por outro lado, existem fatores mais específicos, como o Euro e a Cooperação Schengen” (Jaime, Polónia); “talvez uma mistura de culturas, a moeda única, o turismo, a evolução dos meios de comunicação, a livre circulação de pessoas e mercadorias” (Rodrigo, Espanha). Estes casos servem para demonstrar como as áreas científicas em que os estudantes estudam (neste caso, Línguas e Relações Internacionais e Direito) têm influência na forma como estudantes percebem a Europa.

é europeu porque se converteu num país moderno: evoluiu em infraestruturas, apostou mais em eventos culturais, mais no turismo e já não é tão conservador. Tudo isto é salientado pelos estudantes Erasmus entrevistados como símbolos europeus e a ideia que ressalta de novo é a Europa como espaço de modernidade e de projeção. Vejamos alguns exemplos: “somos bastante evoluídos e acho que isso é um símbolo europeu” (Júlia, Bélgica); “Portugal interessa-se muito em fazer eventos culturais (...) é um bocadinho europeu isso” (Juliana, Hungria); “uma coisa que Portugal ganhou muito ao ter entrado para a união Europeia foi o turismo e ao estarmos na União Europeia veio a... alargar horizontes” (Marco, República Checa).

Perguntou-se, também, aos entrevistados se a experiência Erasmus os fez sentir-se mais europeus. A grande maioria respondeu favoravelmente, dizendo que o contacto com outras culturas lhes permitiu ter uma visão diferente do mundo, principalmente da Europa, e perceber que de tão diferentes que eram, de facto, tinham ideias muito idênticas e que os ligavam de alguma forma. Vejamos um exemplo elucidativo:

fez-me, porque tu contactas com tanta gente e, tu realmente notas, estavam lá comigo e depois com uma Europa e depois é que vem os outros, tu sentes mesmos estas ligações cada vez mais próximas como quanto mais distintas são as pessoas, (...) há certas coisas que nos liga, eu não sei se é só por pertencermos... ou se há realmente qualquer coisa europeia” (Júlia, Bélgica)

A verdade é que durante o processo de mobilidade se infunde uma autotransformação do sujeito, muito devido à interação e ação comunicativa entre os participantes de nacionalidades distintas em diversos contextos transnacionais. A cultura de mobilidade, nomeadamente a Erasmus, ajuda a tornar as fronteiras menos definidas, em alguns casos, bastante estreitas para os participantes (Ieracitano, 2014). No entanto, houve alguém para quem a experiência de Erasmus não fez sentir-se mais europeia do que já era, mas sobretudo mais portuguesa: “a experiência Erasmus mais do que tudo fez-me sentir mais portuguesa, não diria que me fez sentir mais europeia. (...) houve todo um sentimento de patriotismo inerente” (Anabela, Irlanda).

Neste sentido, poder-se-á dizer que “o que somos não pode estar separado do ‘onde estamos’” (Dieckhoff, 2001, p. 45). Ou seja, independentemente do lugar onde estamos, estaremos sempre mais familiarizados afetivamente com a nossa “cultura de origem” porque foi com ela que fomos socializados e com que criamos um vínculo inabalável, uma espécie de afetividade à terra que nos viu nascer e crescer. Dieckhoff fala-nos numa

“fidelidade” para com o lugar onde fomos socializados desde da infância. E, sociologicamente, sabemos que o processo de socialização tem uma forte influência sobre a forma como agimos, sentimos e somos ao longo da nossa vida, enquanto sujeitos e enquanto membros de grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos resultados apresentados, percebe-se que o significado que é dado, por parte dos estudantes de Erasmus, ao processo de integração europeia em Portugal é negociado na fórmula *benefícios e vantagens* que tem para o país. Pela análise dos dados, verificamos também, que as (re) definições identitárias destes estudantes se mobilizam mais no sentido de serem melhores portugueses do que em serem mais europeus. Por outras palavras, quando falamos na questão europeia em Portugal “equivale a dizer que *estamos na Europa, mas a Europa não está em nós*, senão superficial e instrumentalmente” (Ribeiro, 2011, p. 242). As representações que os estudantes portugueses de Erasmus têm da Europa revelaram-se muito afastadas do projeto de construção da paz e da solidariedade política. A Europa que emerge dos dados empíricos recolhidos neste estudo é a *Europa económica*, a Europa dos números e das vantagens práticas, que oferece ao país uma maior visibilidade e facilita a mobilidade no quadro do espaço europeu.

Neste sentido, uma conclusão deste estudo é o débil conhecimento ou entendimento dos estudantes de Erasmus quanto ao processo de construção europeia. Uma outra apreciação relevante é o facto de, apesar dos estudantes se sentirem mais europeus, não desenvolverem uma consciência europeia. O mesmo é dizer que as *trocas culturais e simbólicas* ocorridas durante a mobilidade não moldaram a forma como os estudantes Erasmus portugueses percecionam a Europa e como ela é pensada em Portugal. Esta situação verifica-se, de facto, na débil capacidade de refletir sobre assuntos ligados à Europa e em demonstrar certos traços identificativos da relação de Portugal com o projeto europeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dieckhoff, A. (2001). *A Nação em todos os seus estados. As identidades nacionais em movimento*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Guerra, I. (2006) *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo: sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.
- Ieracitano, F. (2014). New European citizens? The Erasmus generation between awareness and skepticism. *European Journal of Research on Social Studies*, 1(1), 16-21. doi: 10.15526/ejrss.201416199
- Mitchell, K. (2012). Student mobility and European identity: Erasmus study as a civic experience? *Journal of Contemporary European Research*, 8(4), 490-518. Retirado de <http://jcer.net/index.php/jcer/article/view/473>
- Mitchell, K. (2014). Rethinking the “Erasmus effect” on European identity. *Journal of Common Market Studies*, 53(2), 330-348. doi: 10.1111/jcms.12152
- Murphy-Lejeune, E. (2002). *Students mobility and narrative in Europe: the new strangers*. Londres: Routledge. [online] Retirado de <https://tinyurl.com/y74mckqc>
- Novera, D. (2014). *A identidade europeia em Portugal: a perceção dos estudantes de Erasmus*. Relatório de investigação final de Licenciatura, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Papatsiba, V. (2005). Students mobility in Europe: an academic, cultural and mental journal? Some conceptual reflections and empirical findings. In M. Tight (Ed.), *International Perspectives on Higher Education Research* (Vol. 3, 29-65). Reino Unido: Emerald Group Publishing Limited.
- Papatsiba, V. (2006). Making higher education more European through student mobility? Revisiting EU initiatives in contexto of the Bologna Process. *Comparative Education*, 42(1), 93-111. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/29727768>
- Pollmann, A. (2009). Formal education and intercultural capital: toward attachment beyond narrow ethno-national boundaries? *Educational Studies*, 35(5), 537-545. doi: 10.1080/03055690902880240
- Ribeiro, R. (2011) *A Europa na identidade nacional*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rumford, C. (2006). Introduction: theorizing borders. *European Journal of Social Theory*, 9(2), 155-169. doi: 10.1177/1368431006063330
- Sigalas, E. (2010). Cross-border mobility and European identity: the effectiveness of intergroup contact during the Erasmus year aboard. *European Union Politics*, 11(2), 241-265. doi: 10.1177/1465116510363656
- Silva, A. M. (2000). *Portugal entre a Europa e o além-mar*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Silva, A. M. (2005). *Portugal e a Europa – distanciamento e reencontro*. Viseu: Palimage Editores.
- Smith, A. D. (1999). *Nações e nacionalismo numa era global*. Oeiras: Celta.
- Urry, J. (2010). Mobile Sociology. *The British Journal of Sociology*, 61(1), 347-366. doi: 10.1111/j.1468-4446.2009.01249.x
- Williams, T. R. (2005). Exploring the impact of study abroad on students' intercultural communication skills: adaptability and sensitivity. *Journal of Studies in International Education*, 9(4), 356-371. doi: 10.1177/1028315305277681
- Wilson, I. (2011). What should we expect of “Erasmus Generations”? *Journal of Common Market Studies*, 49(5), 1113-1140. doi: 10.1111/j.1468-5965.2010.02158.x

Citação:

Noversa, D. (2017). Portugal europeu: a perceção dos estudantes de *Erasmus*. In R. Ribeiro, V. de Sousa & S. Khan (Eds.), *A Europa no mundo e o mundo na Europa: crise e identidade. Livro de atas* (pp. 66-76). Braga: CECS.